

GORDOFOBIA FAMILIAR, GORDOFOBIA MÉDICA, GORDOFOBIA RELACIONAL, GORDOFOBIA ESCOLAR: A ANÁLISE DE DISCURSO E O PAPEL DO ADVÉRBIO NA IDENTIFICAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO AOS CORPOS GORDOS

FAMILY FATPHOBIA, MEDICAL FATPHOBIA, RELATIONAL FATPHOBIA, SCHOOL FATPHOBIA: DISCOURSE ANALYSIS AND THE ROLE OF THE ADVERB IN IDENTIFYING DISCRIMINATION AGAINST FAT BODIES

Analu Steffen 1
Paulo Pires de Queiroz 2

Resumo: O artigo apresentado traz um recorte da pesquisa-ação realizada com servidores e estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II, no Rio de Janeiro. Através de entrevistas semiestruturadas com docentes e servidores técnicos e utilizando a Análise Crítica de Discurso como método de análise, o uso de advérbios pelos entrevistados foi utilizado como balizador atenuante ou agravador de sentido em seus depoimentos, trazendo à tona mensagens implícitas ou “não ditas”. Como parte da Fase Diagnóstica da Pesquisa-ação, a Análise de Discurso trouxe dados capazes de proporcionar uma classificação entre os diferentes tipos de gordofobia sofridos ou percebidos pelos entrevistados, como a Gordofobia Familiar, a Gordofobia Médica, a Gordofobia Relacional e a Gordofobia Escolar, além de atender ao primeiro objetivo específico da pesquisa, que almeja descobrir como se dão as percepções desses profissionais em relação aos corpos gordos e sua postura junto aos estudantes.

Palavras-chave: Gordofobia. Advérbio. Escola básica.

Abstract: This article presents an excerpt from the research-action carried out with employees and students in the last years of Elementary School at Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II, in Rio de Janeiro. Through semi-structured interviews with teachers and technical staff and using Critical Discourse Analysis as an analysis method, the use of adverbs by the interviewees was used as a mitigating or aggravating meaning in their statements, bringing to light implicit or “unspoken” messages. As part of the Diagnostic Phase of the Research-action, the Discourse Analysis brought data capable of providing a classification between the different types of fatphobia suffered or perceived by the interviewees, such as Family Fatphobia, Medical Fatphobia, Relational Fatphobia and School Fatphobia, in addition to meeting the first specific objective of the research, which aims to discover how these professionals’ perceptions are in relation to the fat bodies and their attitude towards students.

Keywords: Fatphobia. Adverb. Basic school.

- 1 Doutora em Ensino em Biociências e Saúde pela FIOCRUZ – Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Graduada em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). É professora de Artes Visuais no Colégio Pedro II. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0039999906734527>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4556-3213>. E-mail: analusteffen@gmail.com
- 2 Doutor em Filosofia e Humanidades pela Columbia Pacific University nos Estados Unidos, Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor e Pesquisador Associado da Faculdade de Educação na Universidade Federal Fluminense. Professor e Pesquisador Permanente no Programa de Mestrado e Doutorado PGEBS - Ensino em Biociências e Saúde da FIOCRUZ. Professor e Pesquisador Permanente no Mestrado em Diversidade e Inclusão - CMPDI/UFF e no Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão - PGCTIn/UFF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2338289949427695>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0609-6424>. E-mail: ppqueiroz@id.uff.br

Introdução

Este texto é um recorte da pesquisa de doutorado “Por entre vênus paleolíticas, Rubens, Botero e artistas contemporâneos: o discurso imagético gordo como alavanca de representatividade e saúde na escola”, vinculada ao Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, no programa em Ensino em Biociências e Saúde, na linha de pesquisa Ciência e Arte, e realizada no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II, no Rio de Janeiro.

O projeto de pesquisa está cadastrado na Plataforma Brasil e foi aprovado pelo CEP Fiocruz em agosto de 2020 (Parecer 4.101.382, CAAE 32721820.2.0000.5248).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como pesquisa-ação que, segundo (Thiollent, 1986, p. 14),

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação acontece em três etapas de faseamento: a) fase diagnóstica, quando é realizada a análise e delimitação da situação inicial; proposição da situação final, em função dos critérios que se desejam atingir e da forma de fazê-lo; identificação de todos os problemas a serem resolvidos para sair da situação inicial e chegar à situação final desejada; b) fase interventiva: planejamento e execução das ações correspondentes; c) fase avaliativa: avaliação das ações. (Thiollent, 1986, p. 53-54)

O presente texto refere-se ao primeiro objetivo específico da pesquisa, que diz respeito à fase diagnóstica da pesquisa-ação: Observar as percepções dos docentes e servidores técnicos do Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão II, em relação ao corpo gordo e sua postura junto aos estudantes. Tem-se como objetivo geral da pesquisa: Analisar o discurso imagético gordo através de produções artísticas como processo de produção identitária de gordos e não gordos e como contribuição para o fortalecimento da saúde dos estudantes. O problema da pesquisa está assim discriminado: Como a fruição das representações do corpo gordo nas artes pode atuar no reconhecimento identitário de gordos e não gordos na escola básica, contribuindo para o fortalecimento de sua saúde?

Para obter um conhecimento mais apurado sobre o campo de pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com docentes e servidores técnicos com contato direto com os estudantes a fim de conhecer sobre a realidade do *Campus* onde acontece a pesquisa, buscando por dados acerca de projetos pedagógicos, relacionamentos entre alunos, professores e comunidade escolar, possíveis situações de discriminação e principalmente observar qual é a percepção desses profissionais em relação ao corpo gordo e como lidam com essa questão junto aos estudantes.

As entrevistas fazem parte da fase diagnóstica da pesquisa-ação e foram realizadas no primeiro semestre de 2021, via Plataforma *Meet*, sendo gravadas com consentimento dos participantes, que assinaram o TCLE. As entrevistas foram transcritas integralmente e analisadas, sendo entrevistados ao todo 16 servidores do Campus São Cristóvão II do Colégio Pedro II, sendo 14 docentes 2 servidores técnico-administrativos.

As entrevistas foram examinadas segundo a Análise Crítica de Discurso (ACD), assim definida por Van Dijk (2018, p.113):

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social.

Assim sendo, fica claro que a escolha por tal estratégia de análise se dá pela natureza da temática pesquisada, visto que se trata de um grupo social altamente discriminado, visualmente e relacionalmente rejeitado e que tem suas demandas ainda invisibilizadas perante a sociedade e, especialmente, dentro do ambiente escolar.

Como sou uma pesquisadora/professora/gorda e, portanto, parte do universo pesquisado, é importante salientar que meu engajamento pessoal com a pesquisa não implica uma parcialidade imprudente, pois todas as perspectivas de análise do objeto de estudo estão sendo esclarecidas e fruto de grande reflexão. Seria desonesto simular uma “imparcialidade científica” diante do fato de que todas as ações previstas na pesquisa buscam a identificação da gordofobia no ambiente escolar e a possibilidade de se alcançar a conscientização sobre sua existência e a possível perspectiva de transformação dessa realidade. Para Resende (2019, p.140),

A neutralidade não é um mito na ADC. Ao contrário de outros (as) pesquisadores (as), que se esforçam no sentido de uma neutralidade intangível, para os (as) analistas de discurso esse não é um problema. Admitimos que a suposição de neutralidade em ciência não é senão um posicionamento ideológico e, assim sendo, não nos pretendemos neutros – sabemos que não podemos sê-lo e, mais que isso, *não queremos sê-lo.* (grifo do autor)

Para Van Dijk (2018, p. 15), os “estudiosos do ECD não são ‘neutros’, mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados da sociedade. Eles assumem uma posição e fazem isso de modo explícito”.

Em um texto, seja ele de qualquer natureza, o que é “dito” sempre se baseia naquilo que “não é dito”. Tais presunções “não ditas” e implícitas caracterizam o caráter ideológico de um discurso e desvendá-las constitui parte significativa e essencial da análise de textos. Fairclough (2001, p. 75) enfatiza a importância da análise do caráter ideológico presente nos discursos, pois é esse aspecto que constrói a naturalização da discriminação das diferenças na sociedade. Para o autor,

O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas; além disso, o poder é tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos. (Fairclough, 2001, p. 75)

Um olhar crítico sobre a constituição dos discursos pode, entretanto, desvendar o aspecto ideológico neles presente e ensejar a mudança, baseando-se na proposição de que situações opressoras podem ser transformadas, visto que são criações sociais. Assim, a tomada de consciência sobre tais mecanismos de manipulação e opressão são o primeiro passo para a transformação da realidade.

Fairclough (2001, p. 22) argumenta que “qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”. Assim, justifica-se proceder à Análise Crítica do Discurso sobre as entrevistas concedidas pelos docentes e servidores, considerando que eles representam o contingente dos profissionais que atuam diretamente com os estudantes do Campus São Cristóvão II do Colégio Pedro II, onde é realizada a pesquisa. A observação da forma como esses profissionais percebem o corpo gordo e externalizam isso junto aos estudantes é de suma importância no desenrolar da pesquisa, que considera o discurso como espelho de práticas sociais.

O mesmo autor (2001, p. 275) afirma que “[...] não há procedimento fixo para se fazer análise do discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”. Assim, para proceder à análise das entrevistas, optei primeiramente por buscar trechos em que aspectos concernentes diretamente à questão do corpo gordo fossem aparentes e mantivessem relação com o referencial teórico escolhido para embasar a pesquisa. Além desses trechos, observei também abordagens comuns

nas falas dos entrevistados, considerando que a recorrência da mesma temática em diferentes discursos aponta para uma prática corrente entre eles e possivelmente para outras populações.

Os discursos coletados trouxeram informações sobre os sentimentos e as emoções dos depoentes em relação aos corpos gordos, traduzidos e analisados buscando sempre as informações mais íntimas e que, num geral, aparecem implícitas nas falas. Foram considerados depoentes gordos aqueles que se autodeclararam assim, não havendo nenhuma aferição fisiológica de seus corpos. Dessa forma, a pesquisa conta com depoimentos gordos e não gordos e que conseguem mostrar um panorama que descreve esses corpos nas dimensões social, identitária, emocional, médica, política e econômica.

Após a seleção desses trechos e separação por categorias temáticas, foi analisada a utilização de advérbios nos discursos, classificando-os gramaticalmente e refletindo sobre o modo como foram dispostos no texto. O advérbio é a palavra que basicamente modifica o verbo, acrescentando-lhe uma circunstância. Mas, em uma definição mais ampla, pode ser a palavra que modifica o verbo, adjetivo ou o próprio advérbio (Nicola; Infante, 1991, p.193). Assim, a análise do uso de advérbios pelos entrevistados aponta para questões menos explícitas no discurso, mas que são capazes de demonstrar sutilezas do uso da língua que acabam por colocar à vista aquilo que “não foi dito”, com o intuito, frequentemente, de mascarar ideias e posturas que estão arraigadas e transparecem com a intensificação dada pelos advérbios.

Assim, temos como material para análise na pesquisa como um todo, as seguintes categorias: Estigma, Culpabilização e autoculpabilização; Memória e identidade; Corpo gordo/corpo obeso; Corpo magro/corpo padrão; Visualidade gorda; Corpos gordos na escola; Relevância da Pesquisa, sendo aqui exposta a análise da categoria “Gordofobia (gordofobia familiar, gordofobia médica, gordofobia relacional, gordofobia escolar)”. Os entrevistados são identificados somente por códigos a fim de preservar sua identidade, conforme as regras contidas no TCLE e aceitas pelos entrevistados.

Gordofobia

Ainda ausente em alguns dicionários oficiais da Língua Portuguesa, o termo “gordofobia” tem sido descrito como: “substantivo feminino; aversão a pessoas gordas que se efetiva pelo preconceito, intolerância ou exclusão dessas pessoas” (Dicio, 2023).

A gordofobia está presente em todos os extratos sociais, nos mais diversos ambientes interativos, sendo veiculada pelos aparelhos midiáticos e atingindo toda a população, sem distinção de idade, gênero, classe social ou escolaridade, caracterizando um preconceito estrutural.

A gordofobia afeta as pessoas gordas de inúmeras formas, excluindo-as do convívio social, entre relações familiares e amorosas, assim como do mercado de trabalho e de aparatos de saúde. O mercado de vestuário para corpos gordos ainda é muito caro e restrito, não há acessibilidade nos meios de transporte público nem nos hospitais. Em nossa sociedade, ser gordo é “não pertencer”.

No desenrolar da análise das entrevistas, a gordofobia aparece em muitos dos discursos e caracterizando manifestações diferentes. Assim, optei por classificar os depoimentos em: gordofobia familiar, gordofobia médica, gordofobia relacional e gordofobia escolar.

Gordofobia familiar

A família é a primeira instituição social da qual um indivíduo faz parte. Nela ele experimenta suas primeiras formas de socialização e de atendimento às regras de convivência. Infelizmente, também é na família que se vivenciam as primeiras manifestações de gordofobia, normalmente disfarçadas de preocupação com a saúde, mas que revelam a não aceitação, o preconceito e a discriminação contra corpos maiores e diferentes.

A seguir, procedo à análise de discursos coletados entre os entrevistados, através do uso de advérbios, exemplificando e detalhando tais situações.

(D) demonstra, em seu depoimento, o quanto sofreu preconceito no ambiente familiar, quando ainda jovem:

*[...] e na família mesmo 'ah como é que você pensa que vai arranjar um namorado desse jeito?' Como assim? Como assim como que você pensa em arranjar um namorado desse jeito? O que que tem a ver a sua sexualidade... sensualidade com a imagem que as pessoas estão fazendo de mim ali no corpo que eu tenho:: **então assim... sim (frase exclamativa) sofreu muito preconceito (D).***

ASSIM (modo); **SIM** (afirmação); **MUITO** (intensidade): a entrevistada afirma, reafirma e aumenta o teor do preconceito sofrido, como se isso pesasse toneladas, sendo muito difícil superar tais agressões, mesmo na vida adulta.

A diferenciação percebida no tratamento destinado aos familiares magros nas reuniões familiares marca o depoimento de (M):

*[...] os papos que rolavam nessas três ou quatro reuniões que eu ia era **sempre** para os meus primos era **sempre**: 'e aí como é que está no trabalho... parabéns por ter conseguido::' comigo: 'e aí cara tá meio gordo né... tá acontecendo alguma coisa com você?' e o papo **nunca** era o que eu conseguia ou como eu estava... mas sim em relação ao meu físico: 'e aí tá gordo?' então em relação à família isso **sempre** aconteceu e **sempre** me incomodou a ponto de eu não querer ir a essas três ou quatro vezes lá porque bom se é só isso que interessa eu não tenho interesse de continuar em relação (M).*

SEMPRE (tempo) relacionado aos comentários sobre ser gordo; **NUNCA** (tempo) relacionado às suas conquistas. Representam a dor profunda provocada pela visão que os familiares tinham do locutor, não se importando com suas conquistas pessoais, invisibilizadas pelo tamanho e forma de seu corpo.

(S) reflete sobre a pressão estética sofrida por sua mãe e que foi reproduzida sobre ela mesma, numa perpetuação de sofrimento entre gerações:

*lembro da minha mãe **muito... muito... muito** apavorada com essa possibilidade:: minha mãe foi criada **sofrendo muito a pressão estética**... com muita... tendo muita questão de aparência:: minha mãe nasceu e cresceu em Realengo no Rio... na Zona Oeste... numa família que minha vó fazia elas amarrarem barbante na cintura e andarem com livro na cabeça:: a criação da minha mãe foi essa (S).*

A repetição de **MUITO** (intensidade) ora na função adverbial, ora como adjetivo, desenha a imagem de um tormento insuportavelmente grande.

Ainda durante seu depoimento, (S) sugere que nunca foi hostilizada pela família por ser gorda, provavelmente referindo-se a uma agressividade desvelada da qual poderia ter sido vítima desde criança. Porém, no decorrer de seu discurso, deixa muito clara a pressão estética e a violência implícita nas falas recorrentes dos próprios familiares:

*tinha uma pressão para emagrecer... mas nunca fui hostilizada pela minha família e nem tratada como feia... mas sempre teve uma coisa de que 'pô que pena que ela é gorda... ai (S) você é tão bonita... tão inteligente... que pena que você é gorda': não era dito assim... mas era sempre essa sensação... tinha um pesar... e essa coisa preocupação com a saúde e com um certo... uma noção de que eu estava desperdiçando a beleza que eles enxergavam em mim como se eu tivesse escondida **num corpo gordo (S).***

NUM CORPO GORDO (lugar): é exatamente a ideia, o corpo gordo passa a ser um lugar invisibilizado de onde não se pode sair.

(C) recorda que durante sua infância, mesmo se reconhecendo como uma criança gorda,

não era muito importunado pela família por ter um primo mais gordo que ele, o qual era o alvo das falas e críticas familiares:

*[...] verdade eu acho que essa não percepção também tinha muito a ver eu tinha um primo que ela era **muito mais gordinho**... sabe um primo bem gordinho? ela era o gordinho da família... ele que era chamado de gordinho... então acabava que eu era gordinho também mas ficava meio camuflado por ele ser mais. um primo meu ser mais gordinho do que eu e ele acabava sim ouvindo mais (C).*

MUITO (intensidade); **MAIS** (intensidade); **INHO** (diminutivo): observe-se a estratégia usada para manter o diminutivo e com isso escapar do rótulo de preconceituoso, já que isso tem sido muito condenado atualmente. A intenção do diminutivo é “parecer gentil”, mas garantindo que o interlocutor consiga ter a noção real de que o primo era muito gordo, sem ser indelicado. O locutor lança mão de um advérbio de intensidade (**MUITO**) intensificando outro advérbio de intensidade (**MAIS**), para assegurar o significado real pretendido ao dizer **gordinho**.

Durante seu depoimento, (C) também recorda da prima que é gorda desde criança e que assim continua na idade adulta, revelando que o próprio irmão usa sua forma corporal para ofendê-la:

[...] e ela era gorda e ela continua sendo gorda hoje... às vezes o que eu percebo... olha que interessante é que ele quando briga com ela às vezes ofende ela usando... usando a questão de ser gorda (C).

Não há influência de advérbio, mas é importante notar que a repetição estrutural sempre vai gerar um acréscimo ao significado, sugerindo uma presença incômoda da gordura. Vale salientar que o primo que ofende ainda hoje a irmã por ser gorda é o mesmo que era muito gordo na infância e que, na vida adulta, passou a ter um corpo não gordo.

Ainda sobre a prima, (C) afirma:

*[...] com certeza quando ela era adolescente isso foi um problema para ela porque era muito... como eu já era mais velho eu via muitas pessoas falando dela: ‘oh (frase exclamativa) tem que emagrecer hein... tem que se cuidar... olha seu corpo’ isso **muito muito muito**... ela é bombardeada até hoje com isso mas eu sei que ela encara isso hoje de uma outra forma de se reconhecer ali naquele corpo gordo sabe? ainda mais que ela é bem mais gorda do que ele principalmente no período de adolescência ela sofreu muito com isso por mais que ela nunca tenha chegado para mim e falado você sente quando a pessoa fala isso para ela e a pessoa... eu me sinto mal quando eu ouço alguém falando isso para ela... então imagino que ela deva sentir isso muito mais:: entendeu? (C).*

MUITO (intensidade): já é bastante, então **MUITO, MUITO, MUITO** deve ser algo extraordinário. Certamente é o resultado de uma sociedade muito preocupada em estabelecer padrões e conseqüentemente gerar julgamentos e sugestões não solicitados.

Já (M1) destaca como foi importante ter passado por um processo de emagrecimento e lembra das cobranças da família antes desse processo:

*[...] sim me senti mais bem disposto... de fato né e conseguir fazer as posições da ioga melhor né... é assim que se sente mas é tranquilo... aliviado em ter deixado aquela condição que de certa forma ficava **em alerta** né... além do incômodo das roupas e do... né... eu não tinha um uma visão negativa de mim... assim enquanto pessoa... enquanto homem... nada entendeu:: mesmo a (J) assim em casa não... agora eu lembro*

que eu tive em família... nesse período que eu estava maior... é antes de eu dar essa emagrecida... de pessoas reparando... dizendo (M1) você tem que... mas você não precisa ter essa barriga... você está com 30... senti comentários assim né... que me deram um pouco assim de mal-estar né... mas é 30 e poucos anos já passado por análise... por coisas (M1).

EM ALERTA (locução adverbial de modo): a escolha dessa expressão pretende fazer sentir o mal-estar provocado por todo esse cenário constante de análises e julgamentos. É como se nunca pudesse ficar tranquilo em relação a isso, causando constrangimento e uma constante sensação de culpa.

O mesmo depoente reflete sobre o comportamento de familiares em relação à alimentação das crianças:

[...] são comentários que eu acho que pode... possam ter... de outras pessoas... porque indiretamente... é você percebe por exemplo questão de patrulha alimentar né:: que eu acho que é uma coisa que às vezes por exemplo via eu vi algumas crianças da família sendo afetadas por uma forma muito assim... é indireta porém... muito clara né... para pessoa inteligente né que... normalmente uma criança é bastante inteligente nesse sentido... de perceber... é de envolver é uma questão dos hábitos... do que a pessoa deve ou não comer... relacionado ao tamanho que ela tem (M1).

MUITO (intensidade): o contexto desse trecho denota que não existe uma real preocupação na forma como se aborda a questão da obesidade. Cobranças podem intensificar hábitos já percebidos como incorretos.

Através da análise dos depoimentos é possível identificar que a instituição familiar reproduz o preconceito e a discriminação social ao corpo gordo, provocando cicatrizes emocionais profundas. Em algumas situações, são comentários que transparecem, abertamente, a não aceitação de um corpo diferente daquele determinado socialmente como padrão, exigindo adequação para que seja aceito. Em outras ocasiões os comentários buscam ser mais sutis, disfarçados unicamente de preocupação com a saúde, embora fique bastante claro, através de atitudes dos familiares, que o que realmente cria embaraço é a convivência com um corpo estigmatizado.

Gordofobia médica

O próprio ativismo gordo nasce na década de 70, nos Estados Unidos, quando Cass Elliott – vocalista do grupo The Mamas and the Papas – veio a óbito. Ela sentia muitas dores no estômago e, nos hospitais e clínicas médicas onde ela procurava ajuda, diziam que ela melhoraria se emagrecesse. Após um tempo, a cantora descobriu um câncer terminal que lhe roubou a vida (Gomes, 2023).

Quando uma pessoa gorda procura ajuda médica, por qualquer que seja o sintoma que a tenha levado até um profissional da saúde, é quase certo que o primeiro e derradeiro diagnóstico venha apenas pela visualização do seu corpo. Antes mesmo de realizar uma pesquisa, o profissional já tem determinada como causa principal dos sintomas o fato do paciente ter um corpo gordo. É muito comum esses pacientes deixarem os consultórios médicos com prescrição de medicações para emagrecer, mesmo quando foram buscar tratamento para doenças como amigdalite ou um simples resfriado. Sem contar a ausência de aparelhos e mobiliário adequados nos consultórios médicos e nos hospitais, o que impossibilita diagnósticos precisos, quando o profissional demonstra cuidados e preocupação com o quadro geral de saúde desses pacientes.

A gordofobia médica enfrentada pelos corpos gordos desumaniza os atendimentos, tornando-os mais uma agressão. Emoções como medo, raiva, tristeza e frustração costumam acompanhar os pacientes gordos ao procurarem por ajuda médica, causando enorme sentimento de impotência e abandono, o que só vem acarretar complicações em seu estado de saúde. O que deveria ser um lugar de acolhimento e cuidados com a saúde física e mental dos corpos gordos acaba por tornar-se um espaço opressor e persecutório.

Aires (2019, p.19) reflete sobre a hegemonia do discurso médico sobre corpos gordos, afirmando que

[...] há um excesso de discursos a respeito do corpo gordo sendo veiculados pela instância médica e de saúde pública e privada, que conferem caráter patológico e mortal à obesidade, medicamentalizando o gordo e lhe dando extrema visibilidade como um ser 'doente', que precisa mudar seus hábitos e emagrecer.

A autora (Aires, 2019, p. 64) destaca ainda que, nos discursos midiáticos, a voz do médico sobre os riscos da obesidade é destacada, enquanto há um silenciamento das pessoas gordas. É como se elas não tivessem sentimentos e opiniões sobre o que é ser gordo, cabendo unicamente à autoridade médica a construção do discurso sobre esses corpos.

(D) relata suas experiências médicas e as dificuldades em tentar atingir o peso determinado pelos médicos, mesmo que tal ideal não correspondesse a sua estrutura física:

[...] eu tenho 1 e 70 hoje estou com 77 quilos:: me considero excelente... perfeita:: mas isso para os médicos... para os padrões exigidos... não seria o peso ideal... nunca fui... nunca tive a possibilidade de ter 10 quilos a menos que meu peso... para a minha altura:: nunca:: e eu tive:: **a custa de muito sacrifício... muita dor... de muita renúncia** e de quase colocar minha saúde em risco (D).

São todos adjetivos nesse contexto, mas essa insistência parece refletir uma lembrança que incomoda muito a enunciatrice, como se tudo isso representasse uma espécie de castigo **MUITO** injusto, pois exigia muito de sua conduta pessoal, mais do que era possível a ela dar.

Em continuação de seu depoimento, (D) reflete sobre a impossibilidade em alcançar os objetivos traçados pelos médicos e a tomada de consciência sobre o que é ter saúde e se sentir bem, desvencilhando-se racionalmente de exigências médicas ilegítimas, embora admita que ainda perceba uma postura gordofóbica em si mesma.

[...] hoje eu sou considerada uma pessoa visualmente bem... ok... tudo certinho:: mas se for ver pelos médicos... eu estou acima do peso:: isso é uma sacanagem... dizer que estou acima do peso:: então ninguém vai me dizer que eu preciso emagrecer mais:: eu vou emagrecer aquilo que eu preciso para me sentir bem e de acordo com a alimentação:: pra mim estar bem é estar bem alimentado... é estar com suas taxas em dia:: então a alimentação tem que corresponder com saúde física e mental e não com uma tortura:: hoje que eu tirei que aquilo que era nocivo a mim... à saúde:: mas é claro que **sou uma pessoa que tem e sofre de gordofobia** para comigo mesma (D).

Perceba-se o valor semântico da sentença: a locutora utiliza o termo **GORDOFOBIA** para caracterizar uma postura pessoal contra si mesma; pior, acabou por adquirir tal crença por tanto ouvir sobre ter que adequar-se ao padrão exigido socialmente e por profissionais da área médica.

(S) conserva lembranças dolorosas sobre discursos médicos proferidos em sua presença durante a infância:

[...] eu lembro muito do pediatra falando para minha mãe que se eu não emagrecesse naquela época com 10... 11 anos... eu não emagreceria mais e **eu ia ser gorda para sempre** (S).

PARA SEMPRE (locução adverbial de tempo): tanto representa a continuidade de um sonho feliz, como a continuidade de uma tortura insuportável, tendo seu futuro determinado pelo preconceito contra a forma e tamanho de seu corpo.

O que fica bastante claro com a análise dos depoimentos é o sofrimento impingido aos corpos gordos durante os tratamentos médicos. Além do desrespeito de muitos profissionais da área médica, que insistem em tratar corpos gordos com descaso, impondo-lhes um diagnóstico único de obesidade e negando-lhes a possibilidade de pesquisa sobre seus sintomas, os corpos gordos são excluídos dos sistemas de saúde quando não são previstos para eles os aparatos necessários para seu tratamento, que vão desde coisas mais simples, como macas, cadeiras de rodas, aparelhos para aferir a pressão arterial, até aparelhos mais elaborados, como os de ressonância magnética, por exemplo. Trata-se, assim, de uma exclusão sumária dos corpos gordos nos sistemas de saúde.

Gordofobia relacional

A construção do discurso sobre o corpo gordo, colocando-o num lugar de inferioridade, perpassa as mais diversas instâncias, inclusive a dos relacionamentos. Sant'Anna (2016, p. 74) afirma que, no Brasil da década de 1930, já "insistia-se no fardo estético de um corpo gordo, especialmente para as jovens em busca de namoro e casamento".

Embora o preconceito contra o corpo gordo exista independente da questão de gênero, é importante frisar que a mulher é atingida com maior impacto, sofrendo maiores danos, pois as exigências estéticas a que são submetidas para terem um corpo aceito socialmente ultrapassam as discussões sobre o que é ter um corpo magro ou gordo, doente ou saudável.

[...] mulheres gordas são o principal alvo do estigma, devido à associação entre beleza feminina e magreza construída nas sociedades contemporâneas: por exemplo, elas geralmente casam-se com homens de nível social, cultural e econômico inferior que com aqueles com quem as mulheres magras se casam (Aires, 2019, p. 17).

A depoente (D) relata sobre as falas que ouvia desde criança em relação à possibilidade de ter um relacionamento afetivo quando fosse mais velha:

[...] por 'Ah... você está se tornando uma mulher... não pode ficar... tem que emagrecer... por que senão... **como que vai ser quando for arrumar um namorado**' (D).

QUANDO FOR ARRUMAR UM NAMORADO (oração subordinada adverbial temporal): observe-se como a fala em questão sugere dois aspectos preconceituosos, através da ORAÇÃO ADVERBIAL:

1º - ser gordo impede de namorar; 2º - é preciso mudar o corpo para agradar o outro e não a si mesmo.

O depoente (NG) relata que, embora sempre tenha sido muito magro na adolescência, viveu relacionamentos amorosos, como é comum para a faixa etária. Mas que se recorda e reconhece que para os amigos e amigas gordas, sempre foi uma situação muito difícil, citando o caso de um familiar, ao final de sua fala.

[...] em relação **assim**... no aspecto **assim** do amor né... das relações amorosas... eu participei bastante disso... da adolescência havia isso né:: então **assim**... é uma coisa **assim** de nem cogitar... isso é uma coisa muito penosa **assim**... que eu senti algumas vezes por ser magro... mas é muito triste **assim**... talvez você não se vê com uma visão da beleza né ? ... ela já está bastante gorda e é isso não consegue arrumar um namorado:: difícil **assim** (NG).

ASSIM (modo): aparecendo tantas vezes, embora mantenha o significado, assume um tom de repetição intensa. Como se fosse fotocopiando as situações e exibindo-as com um teor doloroso, enquanto vai narrando.

(D) relata situações vividas também entre amigos:

[...] amigos próximos me diziam 'não senta aí que você vai

*quebrar o meu sofá (frase exclamativa) e isso me doía tanto::
nossa como isso me doía (D).*

TANTO (intensidade): a escolha do **TANTO** ao invés do **MUITO** traz força maior à dor. Somando-se ao **NOSSA** (interjeição) amplia ainda mais a intensidade da ideia.

Para (M), foi difícil perceber-se como gordo, mesmo quando a descrição do seu corpo passou a ser uma referência em seu trabalho e outros ambientes sociais:

*[...] eu vi que **cada vez mais** as pessoas tavam me descrevendo dessa forma: 'ah aquele gordinho ali não sei o que::' então foi até dando aula mesmo inclusive 'ah aquele professor ali que é gordinho e tal'... sempre foi mais uma coisa de fora pra dentro do que eu de fato perceber o que que era né? (M).*

CADA VEZ MAIS (locução adverbial de frequência): dá um tom de apavoramento em relação ao fato, principalmente por ter sido arrastado para o início da ideia.

(S) relata as situações de violência social vividas durante a juventude:

*[...] nos eventos não:: tipo.. ia para festa sempre tinha é xingamento do cara que passa de carro... de baleia... de gorda... de isso:: sempre tinha **muito** em noitada é **muito** para nessa época não tinha **muita** opção né... isso mudou **muito**... ainda bem... porque era **muito** ruim... sobretudo no Rio de Janeiro aqui parece que é a princípio uma megalópole... mas se comporta como uma cidade micro (S).*

Observe-se o uso recorrente de **MUITO** (intensidade). No contexto assume papel de opressão.

(S1), por sua vez, descreve como era assediada em seu ambiente de trabalho por um superior hierárquico do sexo masculino e que, coincidentemente, possuía um corpo gordo e grande barriga:

*[...] assim: 'nossa a sua barriga tá muito grande... você é muito nova pra tá com essa barrigona::' aí eu ficava com muita raiva não podia responder porque ele era assessor do presidente da empresa e eu era uma secretária contratada não podia ficar respondendo malcriação que eu tinha medo de ser mandada embora:: então eu ria... desconversava mas odiava encontrar com ele:: toda vez que eu precisava dividir elevador com ele era horrível **porque ele sempre falava da minha barriga sempre... sempre... sempre::** 'tá muito essa barriga hein? ih tá crescendo a barriga mais::' sempre... sempre... sempre falando da minha barriga (S1).*

SEMPRE (tempo): muito mais do que significar que o fato era uma constante, como estabelece o advérbio **SEMPRE**, a sua repetição sugere o quanto o fato causa uma traumática repugnância no seu enunciador. E anteriormente, ao se reportar ao fato, também usou a locução adverbial **TODA VEZ**, que já insinuou essa indignação.

(M1) relata como era tratado pelo amigo, durante sua infância:

*[...] discriminação eu não sei dizer... mas a observação dessa condição eu percebi né:: eu **quando era criança** eu tinha um amigo que me chamava me chamava de gordo né (M1).*

QUANDO ERA CRIANÇA (oração subordinada adverbial temporal): é marcante essa oração, no contexto, porque representa um grande incômodo, que vem de um longo tempo, além de mostrar que essa dor começou a ser causada na infância, fase em que nada deveria machucar. E essa situação se apresenta ainda mais dolorosa em função de a oração subordinada ser arrastada para a frente de sua oração principal, enfatizando aquela ideia: **QUANDO ERA CRIANÇA**.

Os depoimentos trazem informações suficientes para perceber-se que a gordofobia se instala em todos os tipos de relacionamentos, em fases diferentes da vida e nas variadas instâncias

de convívio da pessoa gorda. Desde a infância, nas relações de convívio com outras crianças, na adolescência e juventude nas relações de amizade e de namoro ou simplesmente por frequentar espaços de convívio social onde estranhos sentem-se no direito de fazer chacota, ou na vida adulta, com suas relações familiares e de trabalho que são permeadas pelo preconceito e discriminação.

Gordofobia escolar

A escola aparece como um dos mais importantes meios de socialização em nossa sociedade, onde passamos a partilhar experiências desde a infância até nos tornarmos adultos. Essa instituição acaba funcionando como um espelhamento das posturas e ações sociais que acontecem fora dela, reproduzindo preconceitos e discriminações (Bourdieu, 1970).

Vigarello (2012, p. 239) revela como um autor gordo, ainda do século XVIII, descrevia os abusos cometidos contra si, salientando as rejeições que ocorriam no ambiente escolar:

Não há, sem dúvida, qualquer originalidade nas circunstâncias dessas “rejeições”: zombarias com o cansaço do obeso, desprezo de rivais mais “sedutores”, “sentimento de desgraça” atizado a cada encontro. A lista de farsas de colegiais é minuciosa, o “correio” em especial, essa situação em que a criança obesa, interminavelmente perseguida pelos camaradas brincalhões, seria obrigada a correr até o esgotamento. As experiências de humilhação são precoces, duradouras, marcantes.

Parece que as coisas não mudaram muito nos últimos séculos. Os corpos gordos são invisibilizados na escola, não havendo recursos para sua inclusão e acessibilidade. Não há uniformes ou mobiliário adequado que tragam algum tipo de conforto a esses estudantes, assim como sua diversidade não faz parte do currículo.

(D) traz em seu depoimento a denúncia de assédio na escola por ser gorda, inclusive por parte de professores:

*[...] Também sofri bullying por parte dos professores... **eu não me esqueço**:: eu carreguei um apelido do sexto ao terceiro ano do ensino médio... de Creuza... que foi um professor que colocou por conta de uma coisa que eu fiz em sala de aula e ele gritou ‘qual é Creuza? Senta aí Creuza (frase exclamativa)’ E esse apelido ficou até o terceiro ano do ensino médio:: e as pessoas me conhecem e as pessoas me conheciam por Creuza não por xxxxxx:: isso é marcante sabe... (D).*

EU NÃO ESQUEÇO (negação): o fato de trazer essa sentença para o início enfatiza a ideia. Então sugere que a lembrança, uma vez que associada a algo negativo, seja mais repugnante do que se estivesse depois de dado todo o contexto.

Ainda em seu depoimento, (D) fala sobre um estudante gordo, egresso do campus, que sofreu discriminação de funcionários da escola:

*[...] eu me identificava muito com ele:: ele era gordo... preto e homossexual:: então assim... carregava nele todos os preconceitos possíveis e pobre:: todos os preconceitos possíveis e imagináveis:: e ele foi discriminado por servidores de alto escalão da escola e **foi muito difícil... determinadas circunstâncias eram muito difíceis** (D).*

MUITO (intensidade): o advérbio em si já intensifica o significado de difícil, mas a repetição é fator muito mais significativo de intensificação nesse caso.

(S1) também discorre sobre o mesmo estudante:

*[...] era um menino **muito** inteligente **muito** esperto **muito***

articulado **muito** sagaz mas que estava **sempre** sendo ridicularizado sendo destrutado sendo alvo de brincadeiras e piadas **sempre** o tempo inteiro então ele tava **sempre** na defensiva porque imagina chegou no nono ano...[...] então assim uma trajetória toda na escola desde o Pedrinho que ele foi aluno do Pedrinho passando por diversas situações de piadas e brincadeiras constrangimentos de vários tipos por ele ser gordo (S1).

MUITO (intensidade): relacionados a uma série de adjetivos positivos, porém seguidos de um **MAS**, que introduz um **SEMPRE** (tempo) relacionado à zombaria que ele sofria. Diz nas entrelinhas que todas as suas qualidades eram apagadas pelo fato de ele ser gordo.

(H) traz, em seu depoimento, a forma como um amigo de escola foi apelidado pejorativamente, quando criança, e como tal apelido acompanhou-o durante a vida:

[...] então um cara que era super meu amigo na época... ele era o Bolão... não era nem questão de do cara ser muito gordo... era porque ele tinha as pernas muito finas... braço muito fino... mas ele era concentrado assim... mais gordinho na no tórax e aí enfim... esse Bolão não foi um apelido que eu botei... mas é um apelido que ficou e aí era isso assim era seu apelido **de uma vida inteira** (H).

DE UMA VIDA INTEIRA (locução adverbial de tempo): No contexto, essa expressão representa uma espécie de maldição, como nos contos de fada.

(A1) também compartilha suas lembranças em relação aos apelidos dados aos colegas de escola que eram gordos:

*Eu via essas pessoas até darem a volta por cima no sentido de **se tornarem os mais espirituosos** o que eu mais me lembro são essas situações de ataque especificamente assim são os xingamentos mesmo... balofo... gordão* (A1).

MAIS (intensidade) + **ADJETIVO**: é uma construção no grau superlativo relativo de superioridade do adjetivo **ESPIRITUOSOS**. Supõe uma obrigatoriedade, quem é gordo **TEM QUE SER** engraçadinho para compensar sua diferença corporal.

O depoente (C) lembra sobre o colega gordo nas aulas de Educação Física:

[...] educação física por exemplo... pelo menos a pessoa que vem na minha cabeça agora geralmente esse menino que era gordo ele ficava como goleiro por exemplo né? ele não era o que corria e jogava bola:: eu via mais nesse sentido do que de ofensa de chamar de gordo para ofender que eu me recorde agora é isso... eu via essa discriminação não de uma maneira direta assim de ofensa mas você via nessas situações que ele ficava no gol e **não era o que corria provavelmente** na cabeça dos estudantes que ele era mais lento iria prejudicar o time e talvez fosse até uma preferência dele ficar no gol porque eu sei que ele gostava também de ficar no gol talvez já sabendo dessa questão de não querer atrapalhar o jogo por exemplo (C).

PROVAVELMENTE (dúvida): Note-se que não é uma certeza. Então, com base em uma suposição, o “destino” desse estudante (gordo) foi decidido, naquela situação.

O depoente (I) traz memórias dolorosas sobre o preconceito contra o gordo na escola:

Olha... eu lembro de uma situação bem pequena... isso inclusive é um marco na minha vida... eu numa aula de educação física... criança ainda que eu era... tinha um exercício que tinha que pular... tinha que pular um obstáculo e eu lembro

... você falou da discriminação talvez nesse momento como criança não tenha entendido como discriminação mas era de outras crianças:: um momento em que as crianças... os colegas ficaram todos rindo muito e o quanto que aquilo me tocou né? me deixou meio retraído:: e a coisa do pular obstáculo para mim foi uma dificuldade muito grande e olha que eu não era assim um obeso... bem gordinho não... era um médio mas isso me marcou... marcou mesmo tanto marcou que eu acho que essa personalidade de contundência digamos assim de momentos de contundência ela vem muito dali daquele momento... que foi a partir daquele momento que mesmo criança eu tenho a memória de que 'ah não vou permitir nunca mais que nenhuma situação na minha vida'... talvez nem tão elaborada quando eu tô falando agora... aconteça mais que me deixa assim entendeu? Isso foi marcante sim:: eu acho que isso está relacionado com meu corpo (I).

BEM (intensidade): esse intensificador tenta afirmar um detalhe insignificante já que é **BEM** pequena. No entanto, o contexto desdiz, pois era criança **AINDA** (tempo) e traz marcas profundas no seu presente adulto, além de ser citado como “um marco” na sua vida.

Perguntado sobre a existência de preconceito contra o gordo na escola, ainda hoje, (I1) opina:

Acho que sim acho que ainda rola... acho que rola sim um bullying ainda com as crianças que não estão dentro do padrão de beleza aceita pela sociedade e eles ainda fazem um pouco de piadinha... botando apelido e tal ainda existe sim (I1).

SIM (afirmação); **AINDA** (tempo): denotam ao mesmo tempo a certeza e um certo medo de ter certeza de que o assunto é presente.

(A2) relembra de uma funcionária da escola que era gorda e como era conhecida pela comunidade escolar:

Eu lembro na escola tinha uma moça... uma senhora... o nome dela era Célia e aí era chamada de Célia gorda e ela era muito... ela era obesa... ela era muito gordinha para a época... tanto que o apelido dela era Célia gorda e ela tinha... ela sim as pessoas falavam dela porque ela tava além daquele normal esperado né? e era curioso porque a mãe dela... a mãe dela era muito magrinha... então é curioso e ela cuidava da mãe e ela ia andando e eu lembro dela... ela já faleceu... ela era uma pessoa muito boa muito carinhosa com todo mundo e os alunos não tinham nada contra ela mas a conversa que a gente ouvia toda vez que a gente tinha de se referir a ela... a Célia gorda... tinha sempre o adjetivo: a gorda... Célia a gorda... e isso era uma coisa que marca a escola... (A2).

Perceba-se o cuidado do locutor para falar da gordura de Célia. Outro detalhe importante é a diferença de resultados entre as expressões **MUITO GORDINHA** e **MUITO MAGRINHA** presentes numa mesma locução. A primeira carrega um sentido de atenuar o peso da palavra **GORDO**, que já foi ampliada por **MUITO**, ao passo que **MUITO MAGRINHA** não veste o mesmo propósito, já que apenas confirma o significado de **MAGRO**.

Ainda em seu depoimento, (A2) conta sobre um episódio ocorrido durante a aula de Educação Física, após ter se mudado para o Rio de Janeiro, na adolescência:

[...] aqui especificamente... onde todo mundo é mais magrinho... onde todo mundo é mais esbelto... eu sofria mais... por exemplo... eu não gostava de fazer educação física justamente porque tinha de botar esse uniforme de educação física... ficar de camisa e eu não gostava porque isso expor o

corpo... e eu lembro de uma vez o professor de educação física falando pra mim: 'você não vai emagrecer se você não fizer educação física!' e eu lembro da resposta que eu dei pra ele que eu sei porque eu fui suspenso... eu falei: 'eu não perguntei nada pra você:.' e aí ele ficou: 'e aí o que que você falou?' e aí eu mandei ele tomar no c... na época e fui suspenso... mas foi por isso... assim... eu não tinha perguntado a ele se eu queria emagrecer ou não... ele não tem nada a ver com isso... eu não queria fazer exercício porque eu não queria mostrar meu corpo... não quero emagrecer... a questão não é essa (A2).

ESPECIFICAMENTE (modo): é perceptível, na manifestação linguística, o quanto esse episódio mexe com seu equilíbrio emocional.

Através dos depoimentos dos diversos entrevistados, é possível elencar várias manifestações gordofóbicas no ambiente escolar. Elas acontecem nos níveis estudante/estudante, estudante/servidor, servidor/servidor, servidor/estudante, familiar/servidor, entre outros, onde se mantiverem relações dentro da escola. Tais manifestações interferem nas relações afetivas das pessoas gordas, em suas relações de trabalho e produção, além de terem influência sobre o processo de aprendizagem desses estudantes. Também é preciso salientar o processo de exclusão dos corpos gordos da escola quando não há preocupação alguma com sua acessibilidade, nem com sua inclusão nos currículos escolares tomando-os como corpos diferentes. Se, por acaso, esses corpos são incluídos no currículo, é sempre pelo viés da culpabilização e patologização, corroborando as ações gordofóbicas já descritas.

Considerações

A utilização da análise de discurso na fase diagnóstica da pesquisa-ação permitiu aprofundar o conhecimento sobre o grupo de servidores entrevistados sob vários aspectos, inclusive em como se sentiam em relação a seus próprios corpos. Foi possível também observar que servidores que se intitulam gordos, ou que já foram gordos, já sofreram discriminação inclusive em seu ambiente de trabalho.

Ao analisar os advérbios como atenuadores ou agravadores de sentido, foi possível perceber as mensagens ocultas ou “não ditas” nos discursos, detectando a recorrência das posturas gordofóbicas pelas quais os entrevistados passaram e pelas quais eu também já passei, como pesquisadora gorda.

A análise dos depoimentos trouxe à tona formas diferentes de gordofobia sofridas pelos pesquisados, demonstrando como esse preconceito atinge os corpos gordos de formas variadas, ora disfarçadas de cuidado, ora agressivas e violentadoras.

Reconhecer a família como primeira instituição de prática da gordofobia pode ser o primeiro passo na desmistificação da preocupação familiar apenas como “cuidado” com o corpo gordo, admitindo o caráter cruel de tal postura, muitas vezes desde os primeiros anos de vida da criança gorda. O mais contundente, no que diz respeito à gordofobia familiar, é o fato dela se dar através do viés da afetividade, de forma a levar a criança/jovem/adulto gordo a acreditar que só poderá ser amada e aceita se emagrecer, o que trará danos irreparáveis à sua saúde emocional.

A gordofobia médica atinge os corpos gordos em qualquer fase de suas vidas, assim que precisem procurar por serviços dessa área. A classificação da obesidade como doença trouxe o estigma dos corpos gordos como necessariamente doentes, incapazes de levarem uma vida saudável. Daí não importa que muitos deles se alimentem corretamente, pratiquem atividades físicas e sejam felizes, sentindo-se bem consigo mesmos, haverá sobre eles sempre o laudo médico classificatório, determinando opressivamente que emagreçam a qualquer custo, independentemente de suas características físicas, muitas vezes determinadas geneticamente e com as quais não há luta justa que possa ser travada.

Já a gordofobia relacional pode ser considerada aquela que atinge mais duramente as mulheres e que desponta principalmente durante a fase da adolescência, marcando negativamente esses corpos, fazendo-os acreditarem que não são dignos de afeto por não se enquadrarem num padrão estético socialmente determinado.

A escola, que poderia ser a instituição capaz de transformar essa realidade, vem demonstrando que se comporta como as outras instâncias sociais e acaba por reproduzir, como um microcosmo, as posturas gordofóbicas que acontecem do lado de fora dela. Não há, na escola, cuidados com a acessibilidade dos estudantes gordos, entalando-os em mobiliários inadequados e enlatando-os em uniformes nos quais seus corpos não cabem. Não há, nos currículos escolares, nenhuma menção ao estudo e pesquisa sobre os corpos gordos como corpos diferentes. Há, sim, a estigmatização dos corpos gordos como doentes e improdutivos nos materiais didáticos quando se trata de má alimentação e consumo excessivo de calorias e cálculos de IMC, fazendo com que esses estudantes virem chacota de seus colegas, sendo humilhados publicamente.

A presente pesquisa se utilizou dos discursos dos entrevistados para definir uma tipologia da gordofobia sofrida ou presenciada por eles, dentro e fora do ambiente escolar. Um estudo mais amplo, com um maior número de participantes poderia, por certo, trazer questões não discutidas aqui e que renderiam outras classificações.

Os dados aqui expostos, porém, já serão capazes de alertar sobre as ações gordofóbicas pessoais e institucionais praticadas contra os corpos gordos e sobre o prejuízo físico e emocional a que são submetidos. É preciso trazer essa pauta para discussão, retirando-a da invisibilidade e do silenciamento a que foi submetida durante tanto tempo. A tomada de consciência será o primeiro passo para a transformação.

Referências

AIRES, Aliana. **De gorda a plus size: a moda do tamanho grande**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: Editora Francisco de Assis, 1970.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília, GO: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GOMES, Vanessa. **Gordofobia médica: “Seu filho vai ter problema porque você é gorda”**. Bebê.com.br, 2023. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/gravidez/gordofobia-medica-seu-filho-vai-ter-problema-porque-voce-e-gorda/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

GORDOFOBIA. **DICIO - Dicionário online de Português**, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gordofobia/#:~:text=Significado%20de%20Gordofobia,Gordo%20%2B%20fobia>. Acesso em: 30 nov. 2023.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 5 ed. São Paulo, SP: Scipione, 1991

RESENDE, Viviane de M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 2.ed. São Paulo, SP: Cortez, 1986.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VIGARELLO, Georges. **Metamorfoses do gordo: História da obesidade no Ocidente da Idade Média ao século XX**. 1ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2012.

Recebido em 18 de fevereiro de 2024.

Aceito em 26 de maio de 2024